

RECURSOS, ESTRATÉGIAS E CICLOS POLÍTICOS HEGEMÔNICOS: O CASO DOS FERREIRA GOMES NO CEARÁ

Monalisa Lima Torres¹
Emanuel Freitas da Silva²
Marianne Ivylle dos Santos Abreu³

Resumo: A história política cearense é permeada por momentos de hegemonia política de grupos, que não foi alterada mesmo após a redemocratização. Em 2006, quando Cid Gomes, representando uma coalizão de esquerda, venceu sua primeira eleição ao governo estadual, imaginava-se o rompimento dessa lógica. No entanto, o que se viu foi a emergência de um grupo político cuja cúpula é centrada nos irmãos Ciro e Cid Gomes, e que logrou manter-se no poder por quase duas décadas. O objetivo do trabalho, portanto, é identificar os recursos e estratégias políticas mobilizados pelos Ferreira Gomes a fim de manterem domínio hegemônico na política cearense. Nesse sentido, recorremos a perspectiva de Rejane Carvalho sobre ciclos políticos como chave analítica para entender a dinâmica das disputas pelo poder no Ceará. A trajetória política dos irmãos Gomes foi reconstituída a partir dos estudos de Cleyton Monte. A cobertura jornalística e análises de especialistas sobre os processos de composição da base governista e atividades políticas dos irmãos Gomes serviram como fonte para reconstrução do contexto de emergência e domínio político do clã. O que foi complementado pelos resultados eleitorais disponibilizados pelo TRE-CE. O alinhamento ao governo federal, a capacidade de aglutinar lideranças de variadas matizes e, a partir de uma ampla rede de aliados, ocupar diferentes arenas de poder somado a uma política de imagem foram imprescindíveis para o domínio hegemônico do grupo ferreiragomista.

Palavras-chave: ferreiragomismo; grupos políticos; ciclos políticos; chefes políticos; Ceará.

HEGEMONIC RESOURCES, STRATEGIES AND POLITICAL CYCLES: THE CASE OF THE FERREIRA GOMES IN CEARÁ

Abstract: Ceará's political history is permeated by moments of group political hegemony, which was not changed even after redemocratization. In 2006, when Cid Gomes, representing a left-wing coalition, won his first election for state government, this logic was expected to break. However, what we saw was the emergence of a political group whose leadership is centered on the brothers Ciro and Cid Gomes, and which managed to remain in power for almost two decades. The objective of this research, therefore, is to identify the political resources and strategies mobilized by the Ferreira Gomes in order to maintain hegemonic dominance in Ceará politics. In this sense, we use Rejane Carvalho's perspective on political cycles as an analytical key to understanding the dynamics of disputes for power in Ceará. The Gomes brothers' political trajectory was reconstructed based on the studies of Cleyton Monte. The journalistic coverage and expert analyzes of the processes of composition of the government base and the political activities of the Gomes brothers served as a source for reconstructing the context of the clan's emergence and political dominance. This was complemented by the electoral results made available by the TRE-CE. Alignment with the federal government, the ability to bring together leaders of different stripes and, based on

1 Doutora em Sociologia (UFC), professora adjunta da Universidade Estadual do Ceará – UECE. Contato: monalisa.torres@uece.br

2 Doutor em Sociologia (UFC), professor adjunto da Universidade Estadual do Ceará – UECE. Coordenador do Doutorado em Políticas Públicas da UECE e docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Contato: emanuel.freitas@uece.br.

3 Graduanda em Ciências Sociais (UECE), Bolsista de Iniciação Científica (UECE). Contato: marianne.abreu@aluno.uece.br

a wide network of allies, occupy different arenas of power combined with an image policy were essential for the hegemonic dominance of the Ferreira Gomes' group.

Keywords: ferreiragomismo; political groups; political cycles; political bosses; Ceará.

Introdução

A Ciência Política brasileira conta com uma vasta literatura que aborda a formação e a atuação das oligarquias e as razões de sua persistência no controle político regional, formatando as elites políticas tradicionais, com destaque para aquelas que atuam no Nordeste brasileiro. A presença marcante de clãs políticos, que se mantêm na arena política por diferentes mandatos, é vista como um sintoma do contínuo oligarquismo, fortalecendo estereótipos sobre a política, especialmente no Nordeste.

No Ceará, nos últimos anos, famílias como as Ferreira Gomes (com Ciro e Cid), os Aguiar (com a linhagem familiar de Domingos Filho, sua esposa Patrícia e seus filhos Domingos Neto e Gabriela), os Albuquerque (com os deputados Zezinho e AJ), os Oliveira (com Eunício), os Santana (com Eudoro e Camilo) e os Gonçalves (com Acilon e seus apoiados) têm desempenhado um papel decisivo nos arranjos eleitorais que determinaram os resultados das últimas eleições municipais (2020) e estaduais (2022). Apesar da influência desses sobrenomes na história política recente e da sua base eleitoral sólida em áreas específicas do estado, a existência de clãs políticos não é exclusividade do Nordeste nem está ligada apenas a práticas tradicionais. Estudos realizados pelo Observatório de Elites Políticas e Sociais do Brasil, grupo de pesquisa da UFPR, têm analisado diversos clãs em todo o país, incluindo as instituições estaduais.

Um exemplo desse fenômeno é o clã Ferreira Gomes, cuja influência política é reconhecida nacionalmente e que tem ampliado seu espaço na esfera federal recentemente. No entanto, a visibilidade alcançada pelo clã, combinada com estereótipos sobre o Nordeste, alimentados pela oposição política, têm levado a análises equivocadas e ao uso inadequado de categorias datadas, como o coronelismo e o oligarquismo, que não captam as mudanças e as novas dinâmicas vivenciadas pelo Ceará.

A história política cearense é permeada por momentos de hegemonia política de grupos, uma realidade que persistiu mesmo após o processo de redemocratização. Em 2006, a vitória de Cid Gomes (PSB), representando uma coalizão de esquerda, na sua primeira eleição para o governo estadual, gerou expectativas de que essa lógica seria rompida. Contudo, o que se

testemunhou foi a emergência de um novo grupo político, centrado nos irmãos Ciro e Cid Gomes, e sua política de alianças, tanto em nível federal quanto local, que permitiu a construção de uma ampla rede política capaz de pôr em funcionamento um dos maiores grupos políticos do país, hegemônico no Ceará por quase duas décadas, chegando a agregar mais de 300 lideranças locais em seu auge.

O propósito deste trabalho é identificar os recursos e estratégias políticas empregados pelos Ferreira Gomes para manterem seu domínio hegemônico na política cearense. Para tanto, utilizamos a perspectiva de Rejane Carvalho (2013) sobre ciclos políticos como uma chave analítica fundamental para compreender a dinâmica das disputas pelo poder no Ceará. A trajetória política dos irmãos Gomes foi reconstruída com base nos estudos de Cleyton Monte (2016). Além disso, recorremos à cobertura jornalística e às análises de especialistas sobre os processos de composição da base governista e as atividades políticas dos irmãos Gomes como fonte para reconstruir o contexto de emergência e domínio político do clã. Essas informações foram complementadas pelos resultados eleitorais disponibilizados pelo Tribunal Regional Eleitoral do Ceará (TRE-CE).

Além dessa introdução, esse trabalho é constituído por três seções. A próxima seção abordará a trajetória política dos irmãos Ferreira Gomes até a eleição de 2006, quando Cid Gomes foi eleito governador do Ceará. Em seguida, serão discutidas as estratégias políticas mobilizadas pelo clã a fim de administrar sua coalizão partidária e garantir sua hegemonia política até as eleições de 2022, quando o racha entre PDT-PT pôs fim ao seu arco de alianças. A seção final discutirá de que maneira essas novas configurações no cenário político cearense permitiram a manutenção de um grupo político tão longevo e heterogêneo a despeito das mudanças no cenário político sobretudo nacional.

Esta discussão é relevante dada a escassez de estudos sobre as elites políticas cearenses recentemente e contribui para a reflexão e atualização conceitual sobre as dinâmicas políticas subnacionais, lançando luz sobre a lógica democrática contemporânea.

De Sobral ao Palácio da Abolição

Herdeiro de uma tradicional família de políticos de Sobral, Ciro Gomes iniciou sua carreira política na década de 1980, seguindo os passos de seus antepassados, os irmãos Vicente Cesário e José Ferreira Gomes, que ocuparam cargos no executivo sobralense no final do século

XIX. Após graduar-se em Direito pela Universidade Federal do Ceará (UFC), ingressou na política partidária em 1982, pelo PDS, assumindo a suplência na Assembleia Legislativa do Ceará (ALECE). Destacou-se como crítico do governo estadual e, em 1986, foi eleito deputado estadual pelo PMDB, tornando-se líder do primeiro governo de Tasso Jereissati, entre 1987 e 1988.

Apesar de não fazer parte do grupo original do mudancismo⁴, Ciro demonstrou habilidade ao liderar o processo de modernização do estado na Assembleia Legislativa, o que o aproximou de Tasso Jereissati, com quem construiu uma sólida relação política. Em 1988, foi escolhido pelo governador para concorrer à prefeitura de Fortaleza, enquanto seu irmão, Cid Gomes, estreou na política como candidato a vice-prefeito de Sobral. Numa disputa acirrada com o então candidato Edson Silva, do PDT, Ciro acabou sendo eleito prefeito da capital, com uma estreita margem de votos, levando a lógica do “mudancismo” ao plano municipal, obtendo altos índices de aprovação, o que o credenciou a concorrer ao governo estadual na primeira sucessão de Jereissati.

Eleito em 1990 ao governo do Ceará pelo PSDB, sua gestão destacada - sobretudo no que diz respeito à gestão de recursos hídricos num dos momentos mais críticos de escassez hídrica do Ceará -, o levou ao Ministério da Fazenda no governo de Itamar Franco em 1994, participando diretamente das articulações em torno do Plano Real, que estabilizou a moeda e a inflação no país. Daí para a frente, Ciro permaneceu relevante no cenário político federal, ocupando ministérios e sendo um articulador político importante para seu grupo político no Ceará, defendendo nacionalmente aqueles que seriam os interesses do grupo. Foi assim que concorreu à presidência em quatro ocasiões: em 1998 e 2002 pelo PPS e em 2018 e 2022 pelo PDT. Registre-se, contudo, que só é possível falar em “grupo” com a chegada de seu irmão ao governo estadual, ou seja, no caso das eleições presidenciais, tais interesses, sobretudo de sobrevivência/evidência/hegemonia, estavam postos nas eleições de 2018 e 2022. Em 2010 apoiou a candidatura de Dilma, depois de batalha perdida no interior do PSB, presidido então pelo governador de Pernambuco, Eduardo Campos; e em 2014, postando-se contra o mesmo governador, apoiou a reeleição de Dilma Rousseff.

Por sua vez, Cid Gomes, formado em Engenharia Civil pela UFC, iniciou sua carreira política como assessor parlamentar do irmão, Ciro Gomes. Em 1988, concorreu sem sucesso

4 As transformações políticas e administrativas implementadas nos governos tucanos no Ceará (1988 a 2006), sob a batuta de Tasso Jereissati ficaram consagradas pela mídia e historiografia cearense como a “Era das Mudanças” ou “era mudancista”.

como vice-prefeito de Sobral pelo PSDB. Sua habilidade nos bastidores chamou a atenção de Tasso, que o convidou para atuar como articulador político do governo na região Norte do estado. Em 1990, foi eleito deputado estadual e, em 1996, em seu segundo mandato como deputado estadual, presidiu a ALECE, em ambas as ocasiões, pelo PSDB.

Durante os anos de 1997 a 2004, Cid foi prefeito de Sobral, trazendo seu irmão, Ivo Gomes, para assumir cargos-chave em sua gestão, incluindo Chefe de Gabinete e, posteriormente, Secretário da Educação. Juntos, implementaram o Programa de Alfabetização na Idade Certa (PAIC), resultando em melhorias significativas nos índices educacionais do município, um dos principais legados do grupo político. A partir de sua eleição, uma longa temporalidade de hegemonia política na cidade se estabeleceu, fazendo dela parte: seus dois mandatos, os mandatos de Leônidas Cristina (2005-2012), o mandato de Clodoveu Arruda (2013-2016) e os dois mandatos de Ivo Gomes, seu irmão (2017-2024).

Foi em seus mandatos como prefeito que Cid experimentou a coordenação de uma coalizão de governo que reuniu PT e PSDB, aliados improváveis no plano estadual e federal. A experiência bem-sucedida consolidou uma importante base política e eleitoral na região Norte do estado. A histórica aliança entre os Ferreira Gomes e o PT teve origem em Sobral e continuou por 25 anos, até ser posta à prova nas eleições de 2022, como será analisado adiante.

Na tentativa de se afastar da influência do PSDB e de Tasso Jereissati, o grupo liderado pelos irmãos Ciro e Cid migrou para o até então pequeno PPS, elegendo 17 prefeitos nas eleições de 2000. Essa mudança foi também estratégica em nível nacional, marcando o distanciamento da agenda liberal do governo FHC e uma aproximação com a pauta de centro-esquerda.

A vitória de Lula e do PT nas eleições presidenciais de 2002 alterou significativamente a dinâmica política no Ceará. A adesão do PPS ao governo federal, com a nomeação de Ciro Gomes para o Ministério da Integração Nacional, fortaleceu o partido e o grupo político dos irmãos Cid e Ciro. Isso permitiu que os Ferreira Gomes se distanciassem do grupo de Jereissati e se estabelessem como uma força política independente no estado, levando-os a migrar para o PSB em 2005.

A mudança para o PSB enfrentou resistência interna, mas transformou o partido em uma das principais forças políticas locais nos anos seguintes. Esses movimentos estratégicos e mudanças partidárias indicam como alianças políticas e estratégias são fundamentais para consolidar o poder político de certos grupos e indivíduos. A dinâmica política estadual está

intrinsecamente ligada ao contexto nacional, demonstrando a complexidade das alianças políticas e eleitorais e suas influências sobre as particularidades dos/nos estados (SANDES, 2019).

Nas eleições de 2006, diante do cenário político marcado pelo escândalo do Mensalão e pela busca de alianças estratégicas, o PT optou por priorizar a eleição presidencial e a disputa por cadeiras no Congresso Nacional, o que impactou as alianças nos estados. No Ceará, essa estratégia se traduziu na formação da coligação "Pra frente, Ceará", liderada por Ciro e Cid Gomes, composta por um amplo bloco de partidos de centro-esquerda: PSB, PT, PMDB, PP, PC do B, PV, PRB, PHS, PMN).

Apesar da aliança com o PT, os Ferreira Gomes mantiveram vínculos com Tasso Jereissati, senador na época e opositor ferrenho do governo federal. Essa relação complexa revela a dinâmica das disputas eleitorais, marcadas por estratégias e acordos entre diferentes partidos e candidaturas.

Embora Tasso ainda exercesse forte influência, seu ciclo político apresentava sinais de desgaste, evidenciado pela mudança de cenário político nacional, com a vitória presidencial do PT em 2002, e por baixas significativas em sua base política.

A vitória de Lula em 2002 e a implementação do Programa Bolsa Família enfraqueceram as redes clientelistas dos partidos de centro-direita (BORGES, 2010), possibilitando o fortalecimento de uma oposição de esquerda no Ceará. A regra de verticalização das alianças eleitorais em 2002 e 2006 também influenciou o jogo político nos estados, obrigando os partidos a reproduzirem as coligações nas esferas presidencial e estadual.

É válido registrar as peças produzidas para o Horário Gratuito Político Eleitoral (HGPE) de Cid Gomes, destacando sua aliança com o presidente Lula, bem vista no Ceará, e com a participação frequente de Ciro Gomes. Juntos, eles conseguiram desafiar a máquina política existente e neutralizar os apelos do então governador, Lício Alcântara (PSDB), candidato à reeleição. Cid foi eleito governador do Ceará em primeiro turno, com 62,38% dos votos, enquanto seu aliado Inácio Arruda (PC do B) conquistou a única vaga ao Senado. O PSB, liderado por Ciro, obteve 8 das 46 cadeiras na ALECE e elegeu dois deputados federais, incluindo Ciro Gomes como o mais votado.

Essa vitória expressou a ascensão do grupo liderado pelos irmãos Ferreira Gomes diante da fragilidade do tassismo. Através de alianças com prefeitos e deputados e do alinhamento com o governo federal, costurado por Ciro, o grupo construiu uma base eleitoral sólida e

estabeleceu-se como uma nova força política no estado, demonstrando pragmatismo e habilidade para aproveitar oportunidades políticas.

O Ferreiragomismo no Ceará: recursos e estratégias políticas

Para os propósitos desta análise, entendemos por grupo político uma complexa rede política que envolve alianças estratégicas com líderes em diferentes níveis de poder, atraídos e mantidos pela capacidade de liderança de uma "persona política", um líder com características pessoais distintivas. As alianças desempenham um papel crucial na consolidação e expansão do poder do líder político, estabelecendo uma teia de lealdades e compromissos que fortalecem sua posição e influência. Embora essa estrutura política e suas redes sejam menos estruturadas do que um sistema baseado em partidos políticos fortes e ideologicamente coesos, elas refletem as realidades políticas e sociais de muitos contextos regionais, onde relações pessoais, lealdades individuais e interesses locais são determinantes na condução da política (CARVALHO, 2008; MONTE, 2019).

No contexto cearense, o grupo político liderado pelos Ferreira Gomes segui esse padrão organizacional, estendendo-se tanto para baixo, incorporando líderes locais como prefeitos e vereadores, quanto para cima, incluindo assessores e políticos ocupando cargos estratégicos na administração federal. O alinhamento em todos os três níveis de poder torna-se essencial para a sobrevivência e longevidade do grupo.

O grupo Ferreiragomista é caracterizado por coalizões partidárias amplas e heterogêneas, capazes de atrair outros líderes políticos, a exemplo de Domingos Filho (PSD) e Eunício Oliveira (MDB), e sua composição pode variar a cada ciclo eleitoral. Apesar do compartilhamento de funções e espaços de poder entre os aliados, as decisões fundamentais são tomadas pelo núcleo familiar, com cada membro desempenhando um papel específico. Ciro Gomes, por exemplo, é responsável pela interlocução com o governo federal, enquanto Cid Gomes cuida das questões internas do estado, e Ivo Gomes mantém contato direto com as bases políticas locais. Essa estratégia permite que o grupo mantenha uma base de apoio ampla e diversificada, garantindo sua influência tanto em nível nacional quanto estadual.

Sobre o modelo de organização do grupo ferreiragomista, Monte afirma:

Os rituais de interação entre os membros ocorrem sempre em períodos pré-eleitorais e/ou na movimentação que antecede a migração partidária. Não há uma agenda de discussão com a sociedade civil e as ações são deliberadas na cúpula e disseminadas

nessas reuniões, que guardam um papel básico: o pragmatismo eleitoral (MONTE, 2016, p. 50).

Após formar uma coligação inicialmente de centro-esquerda para as eleições de 2006, o governo de Cid Gomes foi marcado por uma coalizão mais ampla e heterogênea, refletindo a lógica pragmática de alianças já testadas em suas gestões em Sobral. Ao incorporar aliados de diferentes espectros ideológicos, incluindo quadros do PSDB, Cid conferiu ao seu governo um perfil plural, mantendo a continuidade de políticas iniciadas nos governos tucanos, como a priorização da saúde fiscal do estado e políticas de desenvolvimento social.

Essa estratégia, embora tenha contribuído para ampliar o potencial administrativo e a governabilidade, também apresentou desafios significativos. A formação de uma coalizão tão ampla e diversificada pode ser instável, como destacado por Sandes (2019), especialmente quando há uma grande distância ideológica entre os participantes. No entanto, a estratégia de construir coligações pragmáticas se tornou mais comum após o sucesso do PT nas eleições de 2002, priorizando alianças eleitorais amplas e inclusivas para alcançar o poder.

Comparando os arranjos políticos nos governos Tasso e Cid, é possível observar que enquanto o PSDB ocupava hegemonicamente a máquina do estado durante as gestões Jereissati, nos governos Cid Gomes, o pragmatismo político orientou o compartilhamento de espaços de poder com aliados cada vez mais numerosos e heterogêneos ideologicamente. Isso gerava desafios durante os períodos eleitorais, com diversas lideranças competindo por indicações na coligação governista, correndo-se o risco de gerar conflitos internos e comprometer a estabilidade da base governista.

Em sua gestão como governador, Cid Gomes tentou equilibrar o legado deixado pelos governos tassistas com as marcas do governo petista, a saber: o equilíbrio das contas públicas com investimentos sociais, embora tenha enfrentado desafios em áreas como segurança pública e participação da indústria no PIB. Apesar de ter mantido uma postura de articulação de interesses, contribuindo para a expansão dos programas federais no estado, Cid não teve grande influência na formulação de políticas públicas a nível nacional.

Na reeleição de 2010, Cid Gomes enfrentou pressões de diferentes frentes devido às alianças políticas. Embora fosse bem avaliado, teve que lidar com interesses conflitantes, como o apoio ao PT em troca de contrapartidas políticas, o que colocou em xeque sua aliança histórica com o PSDB, que internamente rachado optou por lançar uma candidatura própria ao governo do estado, rompendo formalmente com os Ferreira Gomes.

A coligação "Por um Ceará melhor para todos" uniu diversos partidos, incluindo PSB, PMDB, PT, PDT, PC do B, PSC e PRB, com Cid Gomes e Domingos Filho como candidatos a governador e vice, respectivamente, e a dobradinha Eunício e Pimentel para o Senado. Essa estratégia foi eficaz, garantindo a reeleição de Cid Gomes com 61,27% dos votos, além de eleger Eunício Oliveira (PMDB) e Pimentel (PT) com sucesso ao Senado Federal pelo Ceará.

Para efeito de análise, entendemos por ciclo político uma categoria analítica capaz de ordenar teoricamente a realidade de modo a identificar, com maior precisão, momentos de continuidade de mando de líderes, grupos ou partidos políticos. Essa continuidade se diferencia das “formas tradicionais de controle político exercido por uma cadeia de chefias políticas, ramificadas nos municípios e organizadas em instância estadual, configurando o que a ciência política nomeava como política oligárquica” (CARVALHO, 2008, p. 22). As “eras”, embora representem períodos de continuidade de poder, são distintos das oligarquias políticas tradicionais. Assim, ciclo político é entendido como a possibilidade de continuidade, determinada pelo poder de sedução de uma figura política que se baseia no imaginário popular. Essa hegemonia é consolidada em campanhas não competitivas, sustentadas por uma forte mística, uma imagem marca, que delimita as fronteiras simbólicas de cada ciclo (ou era).

... a possibilidade de continuidade [que] é determinada pelo poder de sedução de uma “persona” política (indivíduo, grupo ou partido), capaz de fundar-se no imaginário político popular, instaurando uma temporalidade simbólica (...). A hegemonia incontestável em um território político estadual ou nacional é afirmada em ciclos de campanhas não competitivas. Uma temporalidade política que exige uma mística simbólica forte que a sustente (CARVALHO, 2008, p. 23).

Segundo Rejane Carvalho, os ciclos políticos duradouros no Brasil pós-redemocratização são viáveis devido a três fatores: a percepção de uma nova temporalidade política centrada em figuras fundadoras, a possibilidade de reeleição no poder executivo e a tendência situacionista nos três níveis de governo. Cada ciclo político é associado a uma imagem-marca, cujo impacto depende dos meios materiais para sua disseminação.

O conceito de “imagem marca” no âmbito da política reporta-se ao processo intencional, planejado, de construção do perfil de personagens a serem postos em circulação na esfera pública mediática, e que pretendem distinguir-se na conquista de afetos positivos dos destinatários conduzindo-os a uma “escolha” ou adesão face às ofertas simbólicas concorrentes (CARVALHO, 2013, p 57).

Considerando o exposto acima, ao ciclo político dos Ferreira Gomes associa-se a de um projeto político com foco na modernização administrativa que combina equilíbrio das contas públicas com investimentos sociais e construção de grandes aparelhos públicos. Essa simbólica está ligada à figura dos irmãos Ciro e Cid Gomes, que representam lideranças carismáticas e pragmática. Os Ferreira Gomes são reconhecidos pelos grandes investimentos em políticas voltadas para a melhoria da qualidade da educação, o fortalecimento do sistema de saúde pública, o investimento em infraestrutura para impulsionar o desenvolvimento econômico regional e a implementação de medidas para combater a criminalidade e promover a segurança pública. Essa imagem de liderança visionária e comprometida, fortemente acionada em seus HGPEs, foi fundamental para a consolidação do ciclo político dos Ferreira Gomes no cenário estadual. Além disso, a imagem-marca dos Ferreira Gomes também está associada à capacidade de construir alianças políticas duradouras e administrar com habilidade um ecossistema político complexo, em contexto de coalizões amplas e heterogêneas do ponto de vista de afinidade ideológico.

Os sinais de desgaste na base aliada e, consequentemente, a possibilidade de encerramento do ciclo político ferreiragomista começaram a surgir nas vésperas de 2014, quando na impossibilidade de reeleição de seu artífice, Cid Gomes, iniciou-se um processo de disputa interna pelo legado do grupo. O fortalecimento da oposição, com o rompimento de alguns aliados, a exemplo de Eunício Oliveira (PMDB), e críticas a questões como segurança pública e saúde, produziram mudanças no equilíbrio de poder dentro do governo, evidenciada pela nomeação de Ciro Gomes para a Secretaria da Saúde em vez do controle pelo PCdoB, indicando possíveis tensões na coalizão governista.

Além disso, a saída do PSB da coalizão governista nacionalmente levou Ciro e Cid Gomes a migrarem para o recém-criado PROS, visando manter sua influência política e apoiar o governo federal. No cenário local, o senador Eunício Oliveira emergiu como líder da oposição, consolidando uma aliança que incluía figuras como Roberto Pessoa (PR) e Capitão Wagner (PR), principais críticos aos irmãos Ferreira Gomes no plano estadual.

A incerteza em relação à sucessão de Cid Gomes também gerou tensões internas na base governista, com vários nomes sendo considerados como possíveis candidatos, enquanto Cid adiava o anúncio da coligação governista para avaliar cuidadosamente suas opções. Essa estratégia de adiamento permitiu a Cid manter o controle sobre o processo político e garantir uma transição suave, mantendo o grupo unido e fortalecido para enfrentar as eleições de 2014.

Às vésperas do prazo final para inscrição das candidaturas, Cid Gomes escolheu Camilo Santana (PT) e Izolda Cela (PROS) como seus candidatos a governador e vice-governadora, respectivamente, para as eleições de 2014. Mauro Filho (PROS) foi indicado para concorrer ao Senado. Essa decisão refletiu uma estratégia de manter o poder dentro do grupo político, optando por nomes próximos e confiáveis que estivessem ligados aos resultados de sua gestão. A escolha de um candidato petista também impediu que Lula, um importante cabo eleitoral, fizesse campanha para o agora adversário Eunício Oliveira (MDB), candidato ao governo do estado. A coligação "Para o Ceará seguir mudando"⁵, composta por 18 partidos de diferentes orientações ideológicas, seguiu a mesma lógica coligacional dos governos anteriores de Cid, refletindo sua habilidade em costurar acordos para manter a base aliada unida.

FIGURA 1 - Cid Gomes, Camilo Santana, Lula e Ciro Gomes em registro durante as campanhas eleitorais para o governo do Ceará em 2014



Fonte: Jornal O antagonista. 2014.

Camilo Santana (PT) e Eunício Oliveira (MDB) protagonizaram uma disputa acirrada nas eleições de 2014 no Ceará, que culminou com o petista vencendo o segundo turno e sendo eleito governador com importante apoio e articulação de Cid Gomes junto aos prefeitos e deputados de sua base. Os irmãos Gomes mantiveram papel importante na coalizão governista estadual, sobretudo como interlocutores nas diferentes esferas de poder. A formação de uma ampla coalizão aliada ao seu bom desempenho na gestão contribuiu para a manutenção de uma

⁵ A coligação "Para o Ceará seguir mudando" era constituída por PT, PROS, PP, PSD, PDT, PRB, SD, PC do B, PV, PEN, PHS, PMN, PPL, PRTB, PTC, PT do B.

base política robusta e garantiu a hegemonia do grupo ferreiragomista, do qual Camilo fazia parte.

Cabe salientar que Camilo Santana, a despeito de ser filiado a outra legenda, continuou as políticas de seu antecessor, não superando, em seu primeiro mandato, o ciclo político inaugurado por Cid Gomes anos antes.

Durante seu mandato, Camilo manteve uma aliança estratégica com o governo federal, apesar das turbulências políticas nacionais, sobretudo após o impeachment da presidente Dilma Rousseff em 2016, quando reconstruiu aliança com o então presidente do senado, Eunício Oliveira, partidário do presidente Michel Temer (MDB). A reeleição de Camilo em 2018 foi marcada por uma ampla coalizão⁶ que garantiu uma vitória esmagadora já no primeiro turno, demonstrando sua forte liderança política no estado. Seu governo enfrentou desafios significativos, como o motim dos PMs e a pandemia de Covid-19, nos quais Camilo demonstrou habilidade e eficácia, elevando sua popularidade e consolidando sua posição como figura política influente no Ceará.

Considerações finais

A partir de 2002, a expansão da máquina pública, o direcionamento de recursos para aliados locais nos municípios, a publicidade institucional como ferramenta de comunicação entre governos e eleitores, e o instituto da reeleição funcionaram como catalisadores para a consolidação de ciclos políticos. Esses ciclos representam períodos de hegemonia política de pessoas ou grupos, caracterizados por uma baixa competitividade eleitoral. A tendência ao adesismo, ou seja, o alinhamento político entre os diferentes níveis de poder, também contribui para essa consolidação.

No cenário nacional e estadual, os Ferreira Gomes se adaptaram a essas mudanças, construindo um grupo político capaz de reduzir a oposição a pequenos nichos de resistência. Apesar da extensão e inconsistência de suas alianças, que garantiram a hegemonia do grupo em vários ciclos eleitorais, a base de sustentação era frágil, especialmente nos períodos de sucessão, como foi demonstrado em 2014 e 2022.

⁶ Formalmente, a aliança “Por um Ceará cada vez mais forte” reunia PT, PDT, PP, PTB, DEM, PR, PSB, PPS, PC do B, PV, PRP, PMN, PRTB, PATRI, PMB, PPL. Mas, informalmente, a recomposição da aliança com Eunício Oliveira trouxe para a base de apoio ao governador em reeleição a composição que apoiava a candidatura de Eunício ao senado: MDB, PSC, PRB, PSD, PHS, SOLIDARIEDADE, AVANTE e PODEMOS.

Em 2014, o PDT, liderado pelos Ferreira Gomes, elegeu uma das maiores bancadas dos últimos anos, fortalecendo sua posição no Ceará e tornando mais atrativa a aliança com o PT em nível nacional. Entretanto, a partir de 2018, com a decisão de lançar uma candidatura própria à presidência, o PDT comprometeu essa aliança. Essa ruptura se refletiu nas eleições de 2022, quando divergências internas levaram ao enfraquecimento do partido e do grupo político.

Cid Gomes, buscando manter o grande arco de alianças como estratégia para prolongar o ciclo político dos Ferreira Gomes, viu-se contrariado pela estratégia nacional do PDT, que visava uma candidatura presidencial independente do PT. Essa divisão interna culminou na implosão da base política que sustentou seu grupo por quase duas décadas, marcando uma mudança significativa no cenário político do estado.

A estratégia de Camilo Santana, de romper com os Ferreira Gomes e apoiar uma candidatura petista ao governo estadual nas eleições de 2022, fortaleceu o palanque de Lula no estado e resultou na eleição de Elmano de Freitas (PT) com uma ampla coalizão partidária (Federação Brasil – PT, PC do B e PV- PP, PMB, PRTB e Federação REDE e SOLIDARIEDADE). A vitória de Elmano, impulsionada pelo capital político de Lula e Camilo, representou uma mudança de rumo na política estadual e marcou uma nova fase no cenário político do Ceará.

As decisões de Ciro Gomes tiveram consequências desastrosas na campanha ao governo cearense de seu aliado, Roberto Cláudio (PDT), que acabou isolado, perdendo apoio de prefeitos, lideranças do interior e até mesmo de deputados do PDT. Mesmo com altos índices de aprovação ao deixar a prefeitura de Fortaleza em 2020, Cláudio só venceu em um dos 184 municípios cearenses. Ciro Gomes também teve sua pior votação no Ceará desde sua primeira disputa presidencial, ficando atrás de Lula e Bolsonaro. Para o Senado, Camilo Santana foi eleito com 69,8% dos votos.

O racha entre os irmãos Ferreira Gomes persiste, e o destino do grupo ferreiragomista tornou-se incerto, apesar de Cid Gomes manter influência sobre parte substancial do grupo, incluindo os irmãos Ivo, Lúcio e Lia Gomes. Cid defendeu o alinhamento com o governo estadual e a manutenção da aliança com Camilo Santana e o PT, levando uma parcela do grupo para o PSB. Alguns deputados federais e estaduais pedetistas próximos a Cid esperam decisão do TSE sobre o futuro de seus mandatos, demonstrando interesse em acompanhar seu líder e migrar para o PSB.

Ficou evidente que o alinhamento ao governo federal, a capacidade de reunir lideranças de diferentes espectros políticos e, através de uma ampla rede de aliados, ocupar diversas esferas de poder, juntamente com uma estratégia eficaz de construção de imagem pública, foram elementos cruciais para o domínio hegemônico do grupo ferreiragomista.

É importante notar que figuras como os irmãos Ferreira Gomes e Camilo Santana têm desempenhado papéis decisivos na política estadual, porém o fenômeno dos grupos políticos não se restringe à "política tradicional". Esses mesmos arranjos políticos estão sujeitos às regras democráticas e refletem dinâmicas próprias de funcionamento da política a nível subnacional, o que impõe novos estudos que ajudem a lançar luz sobre o fenômeno de grupos políticos nas democracias modernas.

REFERÊNCIAS

BORGES, André. Já não se fazem mais máquinas políticas como antigamente: competição vertical e mudança eleitoral nos estados brasileiros. **Rev. Sociologia Política**, Curitiba, v. 18, n. 35, p. 167-188, fev. 2010.

CARVALHO, Rejane. Eleições 2014: transição de ciclos políticos no Ceará? **Em Debate**, Belo Horizonte, v.6, n.5, p.23-36, set. 2014.

CARVALHO, Rejane. **Campanhas eleitorais e comunicação midiática**: ciclos de mudanças e continuidades. Fortaleza: Edições UFC, 2013.

CARVALHO, Rejane. Fronteiras simbólicas borradas na transição de ciclos políticos: a campanha para o governo do Ceará em 2006. **Revista de Ciências Sociais**, v. 39 n. 2, p. 22-43, 2008.

COUTO, Cláudio. Oligarquia e processos de oligarquização: o aporte de Michels à análise política contemporânea. **Revista de Sociologia e Política**, v. 20, n. 44, nov. 2012.

KRAUSE, Silvana; GODOI, Pedro. Estratégias coligacionais dos partidos de esquerda no Brasil. Uma análise das eleições para governadores (1986-2010). **CIVITAS**, Porto Alegre, 2010.

LOPES, Monalisa. **Narrativas simbólicas do lulismo**: uma análise das campanhas eleitorais de Dilma Rousseff (2010 e 2014). 2016. Tese (Doutorado) Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Fortaleza, 2016.

MELO, Carlos Ranulfo. Nau sem rumo? O sistema partidário brasileiro pós-redemocratização. **Revista USP**, São Paulo, n. 134, p. 75-90, jul./ago./set., 2022.

MONTE. Cleyton. Notas sobre o conceito de grupo político: considerações sobre os Ferreira Gomes no Ceará. **Revista NEP**, Curitiba, v. 5, n. 2, dez. 2019.

MONTE. Cleyton. **Os caminhos do poder no Ceará**: a política de alianças nos governos Cid Gomes (2007-2014). 2016. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Fortaleza, 2016.

PARENTE, Josônio. O Ceará dos “coronéis”. In: SOUZA, Simone de (Org). **Uma nova história do Ceará**. 4^a ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007, p. 381-408.

PARENTE, Josônio. O Ceará e a modernidade. In: PARENTE, Josônio e ARRUDA, José Maria (Orgs.). **A era Jereissati**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002, p. 125-144.

PARENTE, Josônio. Os partidos políticos e a democracia: uma reflexão a partir do caso cearense. In: AGUIAR, Odílio Alves; BATISTA, José Élcio; PINHEIRO, Joceny (Orgs.). **Olhares contemporâneos**: cenas do mundo em discussão na universidade. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2001, p. 210-220.

SANDES, Vitor. Processo de formação de governos: conciliando perspectivas teóricas para análise dos estados brasileiros. **BIB**, São Paulo, n. 88, 2019, p. 1-22.

SANTANA, Luciana; SANDES, Vitor; TORRES, Monalisa. Eleições nos estados: coordenação eleitoral e formação de palanques presidenciais em 2022. In: INÁCIO, Magna; OLIVEIRA, Vanessa (Orgs.) **Democracia e eleições no Brasil**: para onde vamos? São Paulo: Hucitec, 2022.

SILVA, Emanuel Freitas. Alianças e rompimentos eleitorais do “cidismo” no Ceará. **Revista Eletrônica do Mestrado Acadêmico de História, Culturas e Espacialidades (MAHCE)**, v. VIII, n. 15, jan./jun., 2020.

TORRES, Monalisa; PESSOA JÚNIOR, Raulino. (O)caso do MDB nas eleições de 2018 e a derrota de Eunício Oliveira ao Senado no Ceará. In: SILVA, E. F.; FROTA, H. e SILVA, M. A. L. **Atores políticos e dinâmicas eleitorais**. Fortaleza: Edmeta, 2020.

Recebido em: 20 maio 2024.

Aceito em: 31 maio 2024.